

ÉTICA DA ALTERIDADE E LAZER: UM PROCESSO COMPLEXO DE EMPODERAMENTO DE MULHERES

Tânia Mara Vieira Sampaio, Instituto Federal de Goiás-Campus Luziânia-GO-Brasil, taniamara_sampaio@hotmail.com. **Jorge Hamilton Sampaio**, Universidade Católica de Brasília-Brasil, jorge03sampaio@gmail.com

Eixo 6. Projetos e experiências transformadoras para uma cidadania planetária (educação, saúde, economia, cultura, gestão etc)

Resumo: A presente pesquisa teve como propósito contribuir para o debate no campo de estudos da complexidade tomando o binômio lazer e ética da alteridade como locus de processos de cidadania planetária, empoderamento e emancipação das pessoas. A experiência do lazer tem apresentado uma perspectiva de desenvolvimento pessoal e social capaz de ajudar a reverter aspectos da realidade que privam a muitos de acesso a seus direitos humanos e sociais, possibilitando uma experiência democrática, participativa e emancipatória, realidade que se pode observar com mulheres marcadas pela vulnerabilidade social e étnica.

Palavras-Chave: Ética da Alteridade; Empoderamento; Complexidade; Lazer; Mulheres.

A principal hipótese norteadora desta pesquisa foi que a experiência de lazer por sua amplitude sociocultural tem uma forte contribuição para processos de cidadania e empoderamento das pessoas (SANTOS, 2000; SAMPAIO 2014). Nesse sentido, optamos, epistemologicamente, por conceber a vivência do lazer como uma dimensão da complexidade emancipatória e educativa (MORIN, 2000; 2001; PENA-VEGA; NASCIMENTO, 1999) dos novos tempos com forte potencial para o enfrentamento das desigualdades de gênero-classe-etnia e relevante contribuição para pensar uma ética da alteridade.

Concebemos o lazer, na perspectiva da gratuidade importante e necessária para a construção da experiência humana de ser e de estar no mundo, segundo afirma Morin (1999, p.37), “encontramo-nos numa época de transição e de tomada de consciência de uma falta” agravada ou estimulada pelo individualismo que apesar de permitir a liberdade, a autonomia e a responsabilidade, coloca todos os seres humanos na atomização, na solidão e na angústia. O elemento libertador que pode ser construído a partir dessa reflexão reside na possibilidade de interrogarmos a compreensão de *Ética da Alteridade* e o *Lazer* para nos orientar. Isto porque a *Ética da Alteridade* é um caminho que muito nos ajudaria para uma aproximação transgressora e transformadora da cultura, da *Moral* estabelecida, haja vista que por meio dela podemos adentrar pela

porta de sua beleza poética, onde esta exista e, a partir dela, embebidos dela, tratar de olhar criticamente e com abertura para outras narrativas distintas do tema em questão.

Consideraremos para esta reflexão que *Ética* são os critérios que utilizamos para estabelecer a relação com o outro, visando o Bem, seja ele individual, seja coletivo. Neste sentido, a nossa posição neste texto é a de que os critérios adotados para ler e estabelecer a relação com o outro se dará pela *Ética da Alteridade*, a partir do pensamento de Emmanuel Lévinas e Edgar Morin.

Para Lévinas (1982), a *Ética da Alteridade* consiste, basicamente, na infinita responsabilidade que um ser humano tem para com a vida do outro, tendo como ponto de partida o rosto do outro que se revela, que se manifesta além da forma exterior, que se expressa de modo inteiro. É um rosto que em si mesmo já fala, já é discurso de si e, portanto, interpela a ambos e os coloca em relação.

Olhar o rosto do outro e ter o rosto do outro como referência significa cuidar e considerar o *alter* (outro) como diferente do *mesmo*. Daí o termo *Alteridade*. Cuidar do outro, ter infinita responsabilidade para com o outro, é fugir da pretensão do “mesmo” e abrir-se para a revelação do outro, para a manifestação do outro, para a expressão do outro e, portanto, escapar das redes de dominação. É, igualmente, aceitar o diferente e ir ao encontro dele. E ter como princípio ético o encontro com aquele que não sou eu, em uma situação sempre de liberdade e diálogo.

É o rosto do outro que pede algo a mim, que me interpela, que se manifesta a mim e move o meu desejo, que me move a sair de mim mesmo a ir ao seu encontro e a responder as suas demandas. Tal ação é o chamado à infinita responsabilidade pelo outro, que eu devo cumprir sem esperar reciprocidade, sem esperar nada em troca. É a pura aplicação do conceito da *Ética da Alteridade* em que a responsabilidade cabe só a mim e não posso recusar ser aquilo que de fato sou, ou seja, que não posso recusar a verdade de que sou responsável infinitamente pelo outro, que esta é minha identidade. E é somente neste encontro com o outro, respondendo a suas demandas, que também encontro a mim mesmo (LÉVINAS, 1982). *Ética da Alteridade* é, portanto, aceitar que eu tenho uma infinita responsabilidade pelo outro, uma responsabilidade que é só minha e que só eu posso realizar para afirmar minha própria identidade. Daí, diferentemente da *Moral* que são valores aprendidos na cultura e que eu os aplico de forma habitual, a *Ética da Alteridade*, que se contrapõe à *Totalidade*, é uma decisão que eu tomo por mim

mesmo, incansável, a partir do rosto do outro, de suas demandas, visando à construção do Bem.

A partir do rosto do outro se pode compartilhar o desejo que move a ambos, ou à coletividade para a experiência de Alteridade, que tem todo o potencial para ser transgressora. Os absurdos e até mesmo as crueldades que são possíveis aos seres humanos (Totalidade) criam o movimento de tensão permanente de desordens afetivas capazes de desencadear sua imaginação, ou o mover-se do desejo em busca de sentido. No movimento de conter sua barbárie possível, o ser humano está em constante processo de construção.

Nesse ponto é fundamental que se tenha em conta a perspectiva do outro com quem o eu se relaciona. O processo constante de relação do eu com incontáveis outros proporciona uma autoconstrução que contém e controla o *homo demens*, no que este tem de homicida, de imbecil, de egoísta (Totalidade); e apresenta sua dimensão *sapiens*, enquanto busca de sabedoria do humano colocando-o no patamar tenso de busca de razão e afetividade como elementos construtores de seu mundo (Alteridade).

Retomar estas dimensões humanas, *sapiens* e *demens* no diálogo com Edgar Morin (1999, 2001) agregam conceitos aos já postos anteriormente sobre a questão da *Ética da Alteridade*. Nesse marco antropológico, Morin nos ajuda a fazer um resgate muito significativo de uma das maiores possibilidades humanas de alteridade, que é experimentar o amor. Segundo Morin (1999) “entre o *homo sapiens* e o *homo demens*, ou entre loucura e sabedoria, não existe fronteira nítida” (p. 27). O amor coloca-se como ápice da união entre loucura e sabedoria, no amor encontra-se “esta contradição fundamental, esta co-presença da loucura e da sabedoria” (p. 28).

O amor, segundo Morin é o ápice mais perfeito da loucura e da sabedoria. Uma perspectiva de que no amor o ser humano experimenta sabedoria e loucura como inseparáveis e interdependentes. E, em sua leitura, a poesia consiste na linguagem mais apropriada para apresentar este processo humano complexo que é interdependente. Não pode ser ora *sapiens*, ora *demens* (para não dizer de outras dimensões *faber* e *ludens*). Ele é uma unidade em permanente tensão. O interessante é que ao discutir a impossibilidade de seguir antagonizando estas dimensões humanas, ele apresenta a poesia como fruto do amor, que por sua vez é “o ápice supremo da sabedoria e da loucura” (MORIN, 1999, p. 9), nos transportando através delas e para além.

O desafio está em considerar que a tessitura da *Ética da Alteridade*, aplicada ao e *Lazer*, aqui construída, transita não apenas no universo da razão, mas no da afetividade intensa. Desse modo, ser *homo sapiens* e *demens* implica manifestações de cóleras, paixões, raivas, delírios, mudanças de humor; como também em “dar corpo, existência e poder a mitos e deuses da imaginação.” (MORIN, 1999, p. 7). A experiência do desejo que move as pessoas, sua capacidade de imaginação, tem como marca forte a incerteza. O risco é companhia constante.

Nesse lugar da provisoriedade, queremos instaurar a relação *Ética da Alteridade* aplicada ao *Lazer* como um processo que instigue o questionamento da racionalidade técnica que nos ocupa no mundo de hoje, abrindo-nos à conjugação destes elementos propostos por Morin, a saber: “o excesso de sabedoria pode transformar-se em loucura, mas a sabedoria só a impede, misturando-se à loucura da poesia e do amor.” (MORIN, 1999, p. 10). Também, esta relação pode se dar como forma de superar a *Moral* estabelecida por meio da abertura que as análises e questionamentos que a *Ética* tem potencial de realizar.

A referência antropológica básica, nesse ponto de vista, consiste na tensão dialogal em cada ser humano da sabedoria e da loucura, da ousadia e da prudência, do desprendimento e do apego, etc., ou seja, endossa a “tensão dialogal, que mantém permanentemente a complementaridade e o antagonismo entre amor-poesia e sabedoria-racionalidade” (MORIN, 1999, p. 11). E, nesse marco, queremos fundar uma compreensão de *Lazer* e *Ética da Alteridade* movida pelo *Desejo*.

Um aspecto que parece fundamental como balizador da experiência com cunhos emancipadores é a percepção de que o processo do amor, no contexto da *Ética da Alteridade* e *Lazer* não são meramente frutos e partes da experiência individual. Estes só são possíveis se vividos na experiência de reciprocidade e coletividade, uma experiência na qual se envolvem não apenas duas pessoas, mas todas as que estão no entorno e são diretamente afetadas pela relação de amor, por exemplo, que se estabeleceu. Na experiência do amor um aspecto fundamental é a Alteridade, nos deixar contaminar pela verdade do outro, pelo olhar do outro, pelo rosto do outro, pela manifestação do outro, evitando, assim, a pretensão destruidora da totalidade, do mesmo.

Na intersecção da *Ética da Alteridade* e *Lazer*, esse momento da experiência humana de ser no mundo apresenta-se como uma das possibilidades de expressão da

vida na cultura. Muitos são os estudos do Lazer a nos desafiar a concebê-lo não como uma “válvula de escape” das pressões do trabalho, das precariedades econômicas, das insatisfações existenciais ou das injustiças sociais, entre outros aspectos (MARCELLINO, 2001). Isso se torna uma exigência para o Lazer deixar de ser instrumentalizado como um acessório acionado toda vez que a pressão chega ao seu ponto-limite. Nesse caso, ele se transforma em mera atividade de “compensação” pelas tarefas cumpridas, uma “permissão” para que não se ultrapasse a fronteira de “suportabilidade” do corpo, um “item supérfluo” adquirido pelos que podem se permitir o luxo de “ter” – tempo, dinheiro e status para desfrutá-lo – ou uma “alienação”, no mais histórico sentido de “pão e circo”, amenizadora de tensões e conflitos socioeconômico-políticos (SAMPAIO, 2008).

A compreensão do Lazer como “artigo de consumo” ou “compensação reabilitadora” impossibilita pensar que o aspecto lúdico, a ele inerente, apresenta-se como fundamental à experiência humana e não precisa justificar-se após o cumprimento de obrigações ou depois da satisfação de necessidades básicas. Nesse sentido, foi fundamental a compreensão do lazer como um direito inalienável de todas as pessoas, o qual deve ter seu acesso democratizado transcendendo condições de classe social, de gênero, de etnia, entre outras (MARCELLINO, 2001; SAMPAIO; SILVA, 2011). A ressignificação das relações humanas e sociais pode advir dos novos conhecimentos alcançados nas experiências de lazer pautadas na perspectiva da complexidade.

Outro aspecto significativo da pesquisa realizada com um grupo de mulheres de periferia tomou como pressuposto que independente da prática de quaisquer que sejam os conteúdos do lazer (intelectuais, artísticos, sociais, turísticos, físico-esportivos, manuais e virtuais) o uso do tempo para homens e mulheres, por exemplo, é efetivamente diferente devido a fatores culturais e sociais. Essas diferenças já começam na infância, com os adultos impondo atividades do tipo competitiva e agressiva para os meninos e atividades delicadas para as meninas. (MARCELLINO, 2001; SAMPAIO, 2008). Outro fator óbvio e relevante na questão do tempo disponível para as mulheres é o fato de que na grande maioria das vezes elas assumem a maior (se não integralmente) parte das tarefas domésticas. Para enfrentar tais processos de assimetrias nas vivências diversas inclusive a de lazer por homens e mulheres e, identificar possíveis processos emancipatórios por meio desta experiência em particular, torna-se fundamental perceber

que estas construções culturais de poder estabelecidas nas relações sociais não são privilégios apenas do tempo e espaço de lazer, mas ocorrem nas demais esferas da vida.

No intuito de aprofundar diversos aspectos no campo do Lazer, selecionamos a interlocução com os estudos de gênero por ser esta uma dimensão que atravessa transversalmente a experiência de relações humanas, marcando a corporeidade de maneira indelével. Não se deseja tratar o Lazer como um bem abstrato, mas como um direito de toda e qualquer pessoa, o que implica revisitar suas próprias concepções e o modo como a cultura normatiza a corporeidade criando possibilidades e interditos a partir das condições de gênero ao que se acrescenta etnia, classe como dimensões interdependentes.

Foi partilhando desta perspectiva e vislumbrando as possibilidades educativas existentes no lazer, sobretudo, com a iniciação das pessoas nos diversos interesses, assim como na importância de despertar na sociedade a reflexão, criticidade e criatividade, condições essenciais para o exercício da cidadania na vida cotidiana, que se estabeleceu a experiência para aprofundar o processo de empoderamento experimentado pelas mulheres líderes comunitárias por meio do lazer. O objetivo geral foi analisar o potencial educativo e emancipatório da experiência de encontros de lazer na vida de mulheres e, identificar desdobramentos fundamentais para uma intervenção diferenciada na vida comunitária dentro de uma ética planetária, marcada pela alteridade.

Consideramos que após a realização desse Projeto de Pesquisa com caráter de Extensão (em vista de sua intervenção concreta na comunidade), que o problema norteador da pesquisa segue atual e urgente, visto que o afastamento da experiência de Lazer no cotidiano de mulheres é uma realidade limitadora de seu potencial de emancipação. Em um contexto de discriminação, pobreza e vulnerabilidade social e racial em que vivem muitas delas, está comprometida sua participação cidadã e autônoma nos processos de construção de alternativas para a superação das desigualdades sociais e para viverem plenamente seus direitos, entre eles o Lazer.

A lógica de produtividade e acumulação de capital traz consigo a exigência de inserção no mercado de trabalho, criando impedimentos culturais e sociais para que as pessoas, de um modo geral, percebam o Lazer como um direito fundamental e condição básica para a saúde integral e plena. O Lazer, por sua inserção na amplitude da dimensão cultural própria das sociedades humanas, pode propiciar tanto o descanso,

quanto o divertimento e o desenvolvimento individual e social, empoderando as pessoas para tecerem contra símbolos culturais. Nesse sentido, a relevância desta pesquisa constituiu-se na identificação e visibilização da dimensão educativa e transgressora do Lazer por meio da ética da alteridade.

O caráter inovador nesta abordagem do Lazer consistiu em subverter a concepção deste enquanto atividade compensatória ou em oposição ao trabalho ou de entretenimento alienador. Como resultado esperava-se contribuir para o desenvolvimento pessoal e social que promove mudanças na realidade e consolida a auto percepção afirmativa e a capacidade de tomar decisões por parte das mulheres das comunidades parceiras e da comunidade universitária. Igualmente que o resultado do debate redimensionasse a pesquisa, a extensão e o ensino na universidade respondendo de modo mais qualificado às demandas da sociedade e contribuísse no estabelecimento de políticas públicas na área e podemos afirmar que alcançamos muitos destes objetivos e resultados esperados como se poderá ver nos extratos de alguns depoimentos.

O projeto priorizou, portanto, a experimentação de processos comunitários, por meio da promoção de inúmeros eventos que contemplaram os diversos conteúdos culturais do lazer, visando um envolvimento das pessoas, de modo participativo e emancipatório. Esta ação se deu tanto no ambiente da universidade, como nos espaços culturais e residenciais das mulheres ou nas visitas realizadas privilegiando a integração entre as mulheres para que aprendessem a superar suas dificuldades através da partilha e construção conjunta de alternativas. Este projeto encontrou sua justificativa, na perspectiva de que processos de vivências coletivas de caráter lúdico são capazes de construir mecanismos de autonomia das pessoas e de suas comunidades no propósito de viver com dignidade seu cotidiano.

Em relação à comunidade de mulheres o que se percebeu foi que processos lúdicos, interativos e promotores de ações coletivas durante os encontros de lazer representaram um fortalecimento da autoestima e do poder social delas que passaram a reservar um tempo próprio para elas mesmas. Após esse longo período de atuação foi amadurecendo a constatação de que os encontros constituíam-se em um forte elemento de resgate da dignidade de vida e conferia poder às mulheres em seu enfrentamento das adversidades da vida e em seu diálogo com a família sobre a necessidade de um tempo e espaço só delas.

A dinâmica do projeto efetivou-se, de acordo com a metodologia da pesquisa-ação, por meio de encontros quinzenais, cada um tendo como eixo organizador um dos sete interesses culturais (a saber, físico-esportivo, artístico, intelectual, manual, social, turístico e virtual). As atividades, em sua maioria foram realizadas nas diversas dependências da Universidade. Esse percorrer pelas estruturas da Universidade permitiu às mulheres uma experiência de maior conhecimento do espaço e aos poucos resultando em processos de apropriação do lugar. *Um território não mais distante e desconhecido, mas um lugar delas e de seus sonhos e desejos.*

O grupo de mulheres foi constituído primeiramente de mulheres que residiam nas regiões administrativas do Distrito Federal: Areal, Riacho Fundo II, Recanto das Emas e foi se ampliando com os convites feitos por elas às suas amigas e vizinhas. Uma das realidades comuns a estas mulheres era sua situação de vulnerabilidade social pelo empobrecimento, baixa escolaridade, relações assimétricas de poder de gênero e etnia, assim como pelos postos de trabalhos ocupados. Em geral, elas são mulheres artesãs, trabalhadoras autônomas, auxiliares de enfermagem, auxiliares de limpeza, serviços domésticos remunerados e não remunerados e desempregadas. Uma realidade que vem paulatinamente sendo alterada na vida de muitas destas mulheres.

Não poucas delas foram descobrindo que este lugar, a universidade, tinha o potencial de oferecer outras oportunidades para além das que já estavam desfrutando nos encontros de Lazer. Algumas sonharam e estão hoje realizando seu sonho de fazer um curso universitário. Outras nesse caminho retomaram seus estudos em processos supletivos vislumbrando cursar a “faculdade”, como dizem. Outras descobriram as clínicas de fisioterapia, de odontologia, de psicologia, Fórum de pequenas causas e têm usado estes espaços para si mesmas e seus familiares. Outras têm descoberto cursos de extensão na área de jornalismo e fotografia popular, de empreendedorismo e outros como espaços importantes para ampliarem seus horizontes e encontram-se em um processo de apropriação de um espaço que lhes pertence enquanto cidadãs.

O olhar é outro, mais seguro e mais em casa. O corpo se movimenta com mais segurança e beleza no espaço da universidade que agora é sua também. Sua voz tem sido ouvida em reuniões promovidas pela universidade para avaliar com as comunidades seus projetos de extensão e pesquisa.. Alguns dos depoimentos:

*[...] meu nome é Antônia eu faço serviço social aqui na católica, mas eu também sou do grupo [...], eu estou em uma alegria em poder participar do grupo, de ter essa vivência com essas mulheres, com os alunos, com a professora e o mais importante que eu sempre friso nas reuniões, **nos nossos***

encontros é que nesse grupo eu me encontrei porque antes, assim... a gente é educado pra viver, mas sempre a gente deixa o lazer de lado, o lazer sempre pode esperar ficar pra depois e eu sempre fiz isso. Eu tive assim que ser pai e mãe e eu fixei meu pensamento muito ali nos meus filhos e na minha vida e só depois que eles já estavam grandes que eu voltei a estudar [...] eu fui convidada a conhecer o projeto e vim e vi e descobri no projeto que eu estou viva, que eu posso ser feliz também, que posso ter lazer, que o lazer não está sempre só no dinheiro, nas coisas simples da minha vida [...] as vezes por mais que a gente se veja como quem não sabe de nada, mas sempre tem uma que sabe uma coisa que eu não sei ou eu passo uma coisa pra outra que ela não sabia, essa vivência da gente é muito importante, cuidado uma com a outra, a troca de humor. [...] Só o fato de você sair de casa, você ver outras pessoas é uma forma diferente de ver a vida porque eu ficava muito presa, muito focada naquilo que eu tinha que fazer em casa, eu não tinha tempo pra mim. Hoje eu largo tudo. O dia do encontro eu deixo a roupa na máquina e venho pra cá, porque aqui eu sou feliz. Em quinze em quinze dias, pelo menos a gente vem, a gente ri, a gente fala besteira, a gente dança e a gente é feliz, a gente está sempre muito alegre. Esse grupo é tudo de bom. Pra mim, eu tenho certeza que pras meninas também (Antônia). [grifo nosso]

Antes quando eu falava de vir pro projeto **meu marido não gostava não**, dava até briga [...] Hoje, **depois que ele veio no lançamento do livro**, ele viu que é importante e quer que eu venha, **ele até falou que era importante mesmo que eu já era autora de um livro... e eu disse, um não, dois!** Hoje, ele sabia que eu tinha reunião na Católica de tarde, então ele ficou me lembrando pra eu não atrasar e até me deu carona, antes eu vinha de ônibus e demorava um tempão [...] (Oneide). [grifo nosso]

Em um contexto de discriminação, pobreza e vulnerabilidade social e racial em que vivem muitas pessoas, está comprometida sua participação cidadã e autônoma nos processos de construção de alternativas para a superação das desigualdades sociais e para viverem plenamente seus direitos, entre eles o Lazer (SAMPAIO, 2014). Aliados do conhecimento de que o Lazer não é privilégio dos que estão inseridos no mercado, nem mesmo uma compensação para quem alcançou seu status social, livrando-se da exclusão, a grande maioria vive como se esta dimensão da experiência humana pudesse ser indefinidamente adiada. Esta realidade não acomete apenas às pessoas mais empobrecidas na lógica de mercado, mas captura as pessoas de um modo geral, que tendem a ler qualquer proposta de lazer como um “bem supérfluo” do qual se pode dispor por tempo indefinido.

A relevância desta pesquisa foi identificar e visibilizar a dimensão educativa e transgressora do Lazer, por meio da ludicidade e gratuidade, como vetor de construção de cidadania, tomada de decisões autônomas e emancipação que se projetam das vivências de lazer para outras esferas da vida. A possibilidade crítica e criativa de vivenciar o lazer comprometido com a importância das mudanças no plano cultural e o entendimento do lazer como direito social fundamental de todas as pessoas, pode

contribuir para mudanças de paradigmas no próprio campo de estudos em tela como no que diz respeito à percepção do econômico, do social, do cultural, do político, do ambiental entre outros.

Nesta ação educativa pelo e para o lazer procura-se ampliar a concepção de cidadania numa perspectiva que leve em consideração uma articulação ético-política – a qual Félix Guattari (1990, p.8), chama ecosofia – referindo-se aos “três registros ecológicos: o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana”. Nesse caso, a experiência de cidadania buscada no presente projeto, concebe que o direito ao Lazer é um bem tão fundamental quanto o trabalho, e não mera compensação para quem está inserido neste último. Igualmente, a vivência do Lazer é buscada, enquanto atividade manual, intelectual, artística, social, físico-esportiva, turística e virtual na qualidade de elemento básico para desenvolver processos críticos e criativos de construção de valores fundamentais para a autonomia das pessoas nelas envolvidas e a sustentabilidade do ecossistema em suas múltiplas interdependências. Isto porque ao pensar em desenvolvimento sustentável afirma-se a perspectiva de que do ponto de vista sistêmico as únicas soluções viáveis são as sustentáveis, isto é, aquelas que ao serem desenvolvidas satisfazem as necessidades atuais sem destruir as perspectivas de vida digna das gerações futuras (CAPRA, 1996).

A experimentação do Lazer com esta perspectiva insere-se no propósito maior de afirmação da dignidade de vida como direito inalienável de todas as pessoas. Portanto, não basta oferecer cursos, oficinas e ações pensadas de dentro da universidade ou a partir dos gabinetes do poder público, é fundamental que as propostas preliminares organizativas do diálogo com as comunidades sejam instrumentos de diálogo, promovendo um planejamento participativo, de forma a considerar os problemas detectados, os recursos existentes e os que teriam que ser buscados a fim de propiciar que as mulheres experimentem um espaço prazeroso para a sua experiência existencial e possam, a partir da experiência variada de lazer, estabelecer relações com outras esferas de sua vida compreendendo sua importância nessa grande teia da vida, na qual a ética da alteridade muito pode contribuir para uma experiência de interdependência sustentável (MORIN, 1999; 2000; 2001).

Desse modo, a concepção de Lazer que permeou todo o conjunto de atividades esteve sintonizada com a utopia de uma sociedade mais justa que se constrói a partir de um processo de decisão participativa e autônoma, bem como através de jogos lúdicos

nos quais se pode experimentar a reinvenção da realidade. Isto é possível, tendo como ponto de partida uma concepção de Lazer que enfrenta a lógica que o reduz a um processo de compensação, de alienação ou de exploração pelo mercado e o promove como processo educativo e espaço crítico e criativo para o desenvolvimento humano, capaz de construir mudanças sociais significativas.

Em busca de um movimento que faça Bem à vida, travamos este diálogo entre *Lazer e Ética da Alteridade*, expressões fortes para serem vividas pelas pessoas. Uma referindo-se ao eixo condutor das ações e dos movimentos humanos, a *Ética*. Outra expressão, o *Lazer*, apontando para um momento e movimento humano indispensável à existência no mundo. A despeito de estarmos em uma sociedade marcada pelo capitalismo de mercado, não há como viver apenas com ênfase no trabalho, nas relações produtivas e na construção de um status social que assegure a inclusão nesta lógica cruel e pensada como lugar para poucos.

A experiência do Lazer, mais do que um contraponto ao mundo do trabalho é uma experiência que manifesta a humanidade de cada pessoa. Não há como estar no mundo sem momentos e movimentos que nos levem a desfrutar gratuitamente da vida. Tempos que ora podem ser de descanso, ou de divertimentos os mais diversos, ora espaços de aprendizados gratuitos advindos de um envolvimento por mera gratuidade, sem a busca de recompensa ou de trocas.

Lazer como um tempo e um movimento de gratuidade, que cada pessoa escolhe, para colocar-se em contato com alguém ou “alguéns” em suas múltiplas expressões artísticas. Essa experiência é reveladora de algo que marca o lazer, ele é um momento de intensa relação de *Alteridade* “eu - outro”, “eu - outros”. Não há como estar no mundo em um movimento que prescindia da presença de incontáveis outros. Se isto é fato no âmbito da experimentação da arte, não menos se faz presente na sua possibilidade de vivenciar a produção cultural disponível no mundo.

A vida se refaz, se reorganiza, se recria, se reinventa na acolhida dos que se desejam o Bem e por isso se reúnem na comunhão da *Ética da Alteridade*. A dimensão social do *Lazer* restaura o olhar para a realidade, permite que se veja com clareza não apenas a moldura da lógica excludente do mercado, mas como lentes de longa distância dando aos olhos o alcance que ele necessita para transgredir o real e transcender, não sucumbindo ao fato dado, mas emergindo da realidade em direção à construção do seu desejo.

Advoga-se para o *Lazer* em diálogo com a *Ética da Alteridade* a possibilidade de invadir a realidade com algo novo, a possibilidade de ser um momento transgressor, no qual as relações de *Alteridade*, de cuidado do outro, de atenção ao outro, de convívio com o outro, de aprendizado nesta companhia do outro, de pautar-se pelo amor ao outro, pelo rosto do outro permeiem as demais esferas do cotidiano.

A guisa de conclusão pode-se afirmar que no *Lazer* há a necessidade de que a pessoa se perceba movida pelo *kairós*, pelo desejo de algo mais, para além do que seu cotidiano de obrigações lhe permite experimentar. Contudo, essa experiência pessoal, ganha expressão máxima quando permite o encontro com o outro nessa mesma dimensão, a da *Ética da Alteridade*. Uma relação de estar junto “para o que der e vier” sem antecipações de futuro.

REFERÊNCIAS

- CAPRA, Fritjof. A teia da vida. Uma nova compreensão dos sistemas vivos. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.
- GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papyrus, 1990.
- LÉVINAS. Emmanuel. **Ética e Infinito - Diálogos com Philippe Nemo**. Tradução de João Gama revisado por Artur Moirão- edições 70, 1982.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**, 6^a.ed., Campinas, Papyrus, 2001.
- MORIN, Edgar. **Amor, poesia e sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.
- MORIN, Edgar. **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- NASCIMENTO, E.P.; PENA-VEJA, A. (orgs.). **O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.
- SAMPAIO, Tânia Mara V. Gênero e Lazer: um binômio instigante. In: Nelson Carvalho Marcellino. (Org.). **Lazer e Sociedade: Múltiplas Relações**. 1^a ed. Campinas-SP: Alínea, 2008, v. 1, p. 139-154.
- SAMPAIO, Tânia Mara Vieira e SILVA, Junior Vagner Pereira da (orgs.). **Lazer e cidadania: horizontes de uma construção coletiva**. Brasília: Universa. Ministério do Esporte e Universidade Católica de Brasília, 2011.
- SAMPAIO, Tânia MV. (org.). **Lazer e cidadania: partilha de tempo e espaços de afirmação da vida**. Brasília-DF, EdUCB, 2014.
- SANTOS, Milton. Lazer popular e geração de empregos. In: **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC/WLA, 2000. p. 34-45.